



Resumo Teórico

Período Helenístico (do século III a.C. ao século VI a.C.)

É um período pouco estudado e muitas obras se perderam. Helenismo significa a influência da cultura grega em todo Mediterrâneo Oriental e no Oriente devido à expansão militar do Império Macedônico, efetuada por Alexandre Magno. O Período Helenístico caracterizou-se por um processo de interação entre a cultura grega clássica e a cultura dos povos orientais conquistados.

Alexandre Magno (o Grande, como ficou conhecido) foi um grande guerreiro e estrategista militar. Era macedônio como seu mestre, Aristóteles. Em dez anos, conquistou um dos maiores impérios de toda a Antiguidade e tentou formar uma unidade cultural a partir da Grécia: mesma língua, moeda e cultura. O império foi curto, mas a influência da cultura grega permaneceu por toda a região da Mesopotâmia, Egito, Ásia, Europa.

Na história da Filosofia, a produção filosófica do Período Helenístico corresponde basicamente à continuação das atividades das escolas platônica (Academia) e aristotélica (Liceu), dirigidas, respectivamente, pelos discípulos dos dois grandes mestres, Platão e Aristóteles. Não havia grandes mestres. O importante era a corrente filosófica da qual o pensador estava vinculado e não propriamente sua originalidade e criatividade. Perde-se o caráter argumentativo, polêmico e crítico das origens da filosofia grega. É um período em que se misturam e sintetizam várias correntes de pensamentos.

A influência das escolas filosóficas desse período chega ao Império Romano. O grande centro cultural do Helenismo foi em **Alexandria**, no Egito, que era uma cidade cosmopolita, unindo gregos, judeus e egípcios. A intensa produção científica valorizava as ciências naturais, sendo avançada nas áreas de matemática, geometria, medicina, linguagem, astronomia e geografia. A produção científica de Alexandria contribuiu fortemente para a ciência da Antiguidade.

Com o fim da pólis grega, após a conquista de Alexandre, o homem grego perdeu sua principal referência ético-política: a vida na comunidade, as leis, as tradições e práticas culturais. Embora o mundo fosse grego, o homem grego sentia-se sem raiz, pois sua referência básica era a cidade e essa havia perdido força para o império centralizado. Era preciso desenvolver uma ética forte, com conteúdos práticos e novas referências: regras de conduta, apontando o caminho em busca da felicidade pessoal nesse novo contexto de várias culturas.

Esse período é muito importante para nós ocidentais, pois, é o período entre transição entre Antiguidade Clássica e Idade Média Cristã, quando se dá a formação da tradição cultural da qual nós fazemos parte e somos herdeiros até hoje: dá-se o encontro entre o mundo greco-romano e a cultura judaico-cristã.

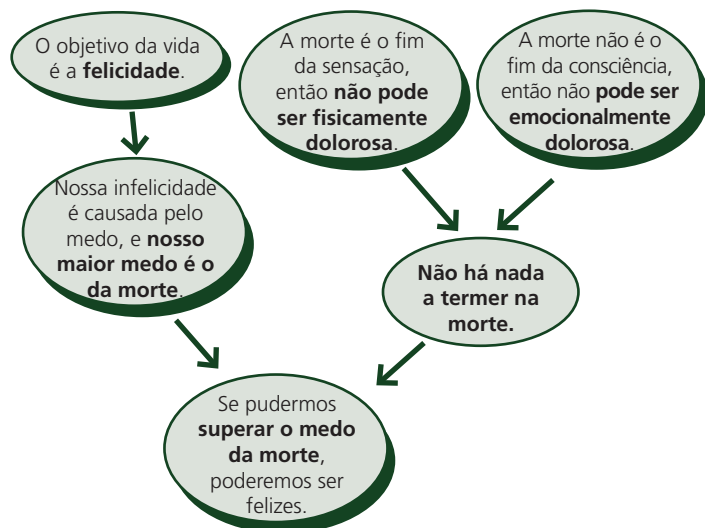
Depois da morte de Platão e de Aristóteles e do advento do helenismo com Alexandre Magno, a filosofia helenista muda consideravelmente o rumo das suas investigações, e as novas escolas filosóficas buscam responder como orientar a vida para encontrar a verdadeira felicidade, em uma forma de organização político-social, na qual os interesses coletivos cedem lugar aos interesses privados, e o conceito de cidadão desaparece, dando origem ao conceito de indivíduo. Ocupam-se com questões acerca da ética, do conhecimento humano e das relações entre o homem e a natureza e de ambos com Deus. Apareceram aspectos místicos e religiosos no pensamento filosófico, influenciados pelo contato com o Oriente.

Nesse período, as principais escolas filosóficas que se destacaram e influenciaram o mundo ocidental da época foram: epicurismo, estoicismo, ceticismo (ou pirronismo), ecletismo e cinismo.

- **Epicurismo:** Fundado por Epicuro de Samos (341-270 a.C.), na cidade de Atenas em 306. Ele se manteve por mais de seis séculos e se propagou depois a Roma e Oriente. De seus escritos restaram somente alguns fragmentos: máximas capitais, *Cartas* e *Sobre a Natureza*. Propunha que o ser humano deve buscar o prazer, pois, segundo ele, o prazer é o princípio e o fim de uma vida feliz. No entanto, distinguia dois grandes grupos de prazeres. No primeiro grupo estavam os prazeres mais duradouros, que encantam o espírito, como a boa conversação, a contemplação das artes, a audição da música etc. No segundo grupo estavam os prazeres mais imediatos, muitos dos quais movidos pela explosão das paixões e que, ao final, poderiam resultar em dor e sofrimento. Mas para desfrutarmos os grandes prazeres do intelecto precisamos aprender a dominar os prazeres exagerados da paixão: os medos, os apegos, a cobiça, a inveja. Os epicuristas buscavam a **ataraxia**, termo grego usado para designar o estado de ausência da dor, de quietude, serenidade e imperturbabilidade da alma.

O epicurismo muitas vezes é confundido com um tipo de **hedonismo** marcado pela procura desenfreada dos prazeres mundanos. No entanto, o que o epicurismo defende é uma administração racional e equilibrada do prazer, evitando ceder aos desejos insaciáveis que, inevitavelmente, terminam no sofrimento; enquanto que o hedonismo também defende a busca do prazer, mas não diferencia os tipos de prazeres.

Para Epicuro, a filosofia tem a missão de libertar o homem das turbulências que o agitam. “Deves servir à filosofia só para alcançar a verdadeira liberdade”. O que perturba o ser humano são quatro erros, dos quais ele se liberta só quando os domina e reconhece que são somente opiniões. São eles: temor dos deuses, medo da morte, ânsia dos prazeres, tristeza pelas dores. A filosofia nos oferece os quatro remédios para desprendermo-nos desses erros, por meio de um verdadeiro conhecimento do mundo e uma verdadeira doutrina da natureza.



Epicuro identificou o medo da morte como uma das principais fontes de todos os medos. Para combatê-lo, desenvolveu um argumento interessante:

“Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte e, ao morrer, a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos”.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, p. 27 e 28. Tradução e apresentação de Alvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo, Unesp, 2002.

- **Estoicismo:** O estoicismo é a corrente filosófica de maior influência em seu tempo. Foi fundada por Zenão de Citio (336-263 a.C.), localidade da ilha de Chipre. Os representantes desta escola, conhecidos como estoicos, – tais como: Sêneca (4-65 d.C.), o preceptor de Nero; Epicteto (50-138 d.C.), escravo liberto; o imperador Marco Aurélio (121-180 d.C.) –, defendiam que toda realidade existente é uma realidade racional. Todos os seres, os homens e a natureza, fazem parte desta realidade. O que chamamos de Deus nada mais é do que a fonte dos princípios que regem a realidade. Integrados à natureza, não existe para o ser humano nenhum outro lugar para ir ou fugir, além do próprio mundo em que vivemos. Somos deste mundo e, ao morrer, nos dissolvemos neste mundo. Seu ideal de vida, designado pelo termo grego *apatheia* (que costuma ser mal traduzido por “apatia”), era alcançar uma serenidade diante dos acontecimentos fundada na aceitação da “Lei Universal do Cosmos”, que rege toda a vida.

Não dispomos de poderes para alterar, substancialmente, a ordem universal do mundo. Mas, pela filosofia, podemos compreender esta ordem universal e viver segundo ela. Assim, em vez do prazer dos epicuristas, Zenão propõe o dever da compreensão como o melhor caminho para a felicidade. Ser livre é viver segundo nossa própria natureza que, por sua vez, integra a natureza do mundo.

No plano ético, os estoicos defendiam uma atitude de austeridade física e moral baseada em virtudes, como a resistência ante o sofrimento, a coragem ante o perigo, a indiferença ante as riquezas materiais. O ideal perseguido era um estado de plena serenidade para lidar com os sobressaltos da existência, fundado na aceitação e compreensão dos “princípios universais” que regem toda a vida.

O estoico deve aceitar e seguir serenamente e com alegria interior a razão universal. Daí a máxima estoica: “segue a natureza que é teu guia”. Epicteto resume essa concepção de liberdade, afirmando: “Até hoje não houve coisa alguma que me trouxesse impedimento ou coação. Por quê? Porque sempre dispus minha vontade segundo a Vontade de Deus. Quer Deus que eu tenha febre? Também eu quero”. Ou seja, o ideal de liberdade consiste em compreender essa inexorabilidade do universo regido segundo as leis do *logos*, ou razão universal, e colocar-se em harmonia com ela, em uma atitude de profunda resignação da vontade.

Como a ética estoica defende a felicidade como fim que dá sentido à vida e ao agir humano, ela é considerada finalista e **eudemonista**¹.

- **Ceticismo** (ou Pirronismo), de Pirro de Élide (365-275 a.C.): segundo suas teorias, nenhum conhecimento é seguro; tudo é incerto. O pirronismo defendia que se deve contentar com as aparências das coisas, desfrutar o imediato captado pelos sentidos e viver feliz e em paz, em vez de se lançar à busca de uma verdade plena, pois seria impossível ao homem saber se as coisas são efetivamente como aparecem. Assim, o pirronismo é considerado uma forma de ceticismo que professa a impossibilidade do conhecimento, da obtenção da verdade absoluta. O termo “ceticismo” vem do *skepsis*, que significa “investigação”, “procura”; ele quer indicar mais precisamente que a sabedoria não consiste no conhecimento da verdade, mas na sua procura. De fato, o ceticismo sustenta que o homem não pode conhecer a verdade, mas somente procurá-la.

Conhecer a verdade compete a Deus; investigá-la, ao homem. Existem, pois, duas espécies de sabedoria: uma divina, e outra que consiste na investigação da verdade.

Antes de Platão e Aristóteles, já se desenvolvera na Grécia uma orientação filosófica essencialmente cética, o famoso movimento dos sofistas. Ele se revigorou e se difundiu largamente durante o período do helenismo, principalmente depois que se tornou a doutrina oficial da escola de Platão, a Academia. Outros expoentes do ceticismo são Carnéades e Sexto Empírico.

- **Ecletismo:** A palavra “ecletismo” vem do grego *ekléktikós* de *eklegein*: esconder. Hilton Japiassú e Danilo Marcondes definiram o ecletismo como um “método filosófico que consiste em retirar dos diferentes sistemas de pensamento certos elementos ou teses para difundir em um novo sistema”². Em outras palavras, o ecletismo era uma mistura de proposições e teorias filosóficas, não raro de modo superficial, na qual se buscava captar o melhor dos sistemas filosóficos.

Entende-se por ecletismo, portanto, a atitude filosófica para qual a procura da verdade não se esgota em apenas uma forma sistemática e dedica-se por isso a coordenar e harmonizar entre si elementos de verdade escolhidos em diversos sistemas. Desenvolve-se como reação ao ceticismo.

1. Doutrina ética que considera a felicidade (ou sua busca) como o fundamento da moral, considerando que é moralmente justificado o comportamento que conduz a uma existência feliz.
2. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*, 3ª edição, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001. p. 81.

Diante do desacordo cada vez mais grave e profundo entre os filósofos, os céticos, como vimos, tinham perdido totalmente a confiança na capacidade da razão humana em atingir a verdade. Já os ecléticos, diante dessa situação, não julgaram correto perder o ânimo, porque, segundo eles, o desacordo é sinal de incapacidade da razão não para atingir a verdade, mas para abranger a verdade com um único olhar.

Para eles, o desacordo dos filósofos deve-se ao fato de que, não podendo a fraca mente humana abarcar toda a verdade com um só olhar, um filósofo limita a sua investigação a um aspecto e outro filósofo a outro aspecto. Assim, estudando aspectos diferentes da realidade, é natural que cheguem a conclusões diferentes.

Por isso, para se chegar a uma compreensão adequada das coisas, não se deve confiar em um só filósofo, mas é necessário reunir as conclusões das pesquisas dos melhores entre eles. É o que procuram fazer os ecléticos do Período Helenístico: para organizarem um sistema filosófico mais completo, reúnem os melhores aspectos das doutrinas de Platão, Aristóteles, Epicuro e Zenão de Citio. Um dos maiores representantes e expoente do ecletismo foi o filósofo romano Cícero, rejeitando o epicurismo, adere ao pensamento platônico, aristotélico e estoico. Também, os padres da Igreja, apesar da ênfase dada ao platonismo na construção do pensamento cristão, usam elementos vindos também do estoicismo. O ecletismo foi a corrente filosófica que mais influenciou os pensadores brasileiros no surgimento das primeiras manifestações filosóficas no Brasil.

- Cinismo: O termo "cinismo" vem do grego *kynos*, que significa "cão", e designa a corrente dos filósofos que se propuseram a viver como os cães da cidade, sem qualquer propriedade ou conforto. Levavam ao extremo a filosofia de Sócrates, segundo a qual o homem deve procurar conhecer a si mesmo e desprezar todos os bens materiais. Por isso Diógenes, o pensador mais destacado dessa escola, é conhecido como o "Sócrates demente", ou o "Sócrates louco", pois questionava os valores e as tradições sociais e procurava viver estritamente conforme os princípios que considerava moralmente corretos.

Diógenes também não tinha apreço pela diferença entre grego e estrangeiro. Quando lhe perguntaram qual era sua cidadania, respondeu: sou cosmopolita, palavra grega que significa "cidadão do mundo".



GÉROME, Jean-Léon (1824-1904). *Diógenes sentado em seu barril cercado por cães*, 1860. Óleo sobre tela, 74,5 cm x 10,1 cm.

Há muitas histórias e acontecimentos de sabedoria e humor na vida desse filósofo que o tornaram uma figura instigante da história da filosofia. Conta-se, por exemplo, que ele morava em um barril e que, certa vez, Alexandre Magno decidiu visitá-lo. De pé em frente de sua "casa", Alexandre perguntou se havia algo que ele, como imperador, poderia fazer em benefício do filósofo. Diógenes respondeu prontamente: "sim, podes sair da frente do meu sol." Diz a lenda que Alexandre, impressionado com o desprezo do filósofo pelos bens materiais, comentou: "se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes".



Exercícios

01. (Enem/2016 – 1ª Aplicação)

Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

LAÉRCIO, D. *Vidas e sentenças dos filósofos Ilustres*. Brasília: Editora UnB, 1988.

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:

- A) desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- B) atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- C) defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- D) aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
- E) agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

02. (Enem/2014)

Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano.

EPICURO DE SAMOS. "Doutrinas principais". In: SANSON, V. F. *Textos de filosofia*. Rio de Janeiro: Eduff, 1974.

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim

- A) alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- B) valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- C) aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- D) refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.
- E) defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

03. (UFRN/2009)

Felipe II, rei da Macedônia, conquistou a Grécia. Seu filho, Alexandre, o Grande, consolidou as conquistas do pai e expandiu o império em direção à Ásia, chegando até a Índia. Na perspectiva histórica, a obra de Alexandre e de seus sucessores imediatos foi importante porque:

- A) substituiu a visão mística do mundo, presente nos povos orientais, pelo reconhecimento intelectual proveniente da razão e do raciocínio lógico.
- B) favoreceu a difusão do modelo político das Cidades-Estados da Grécia pelas regiões conquistadas no Oriente, estimulando um governo fundamentado na liberdade e na democracia.
- C) suplantou o poder despótico predominante nos grandes impérios orientais, os quais atribuíam aos governantes uma origem divina.
- D) possibilitou o intercâmbio de culturas, difundindo as tradições gregas nas terras do Oriente, enquanto as mesopotâmicas, egípcias, hebraicas e persas expandiram-se para o Ocidente.

04. (UFPB/2008) O filme *Alexandre* representou a vida do famoso imperador da Macedônia que constituiu um grande império, incluindo a Grécia, o Egito, a Síria, a Pérsia, indo até as fronteiras com a Índia. Alexandre foi educado pelo filósofo Aristóteles e o seu registro memorável na História deve-se, além de seus feitos militares, à difusão da cultura grega nas regiões do Oriente por ele conquistadas. Esse processo histórico-cultural, conhecido como helenismo, caracterizou-se pelo(a):

- A) formação de uma nova cultura, sem elementos culturais gregos nem orientais.
- B) desaparecimento das culturas orientais diante da cultura grega ou helênica.
- C) conflito cultural irreconciliável entre a cultura grega e as culturas orientais.
- D) desaparecimento da cultura grega diante das culturas orientais (persa e egípcia).
- E) constituição de uma cultura diferenciada, com elementos gregos e orientais.

05. (UEG/2011) Em meados do século IV a.C., Alexandre Magno assumiu o trono da Macedônia e iniciou uma série de conquistas e, a partir daí, construiu um vasto império que incluía, entre outros territórios, a Grécia. Essa dominação só teve fim com o desenvolvimento de outro império, o romano. Esse período ficou conhecido como helenístico e representou uma transformação radical na cultura grega. Nessa época, um pensador nascido em Élis, chamado Pirro, defendia os fundamentos do ceticismo. Ele fundou uma escola filosófica que pregava a ideia de que:

- A) seria impossível conhecer a verdade.
- B) seria inadmissível permanecer na mera opinião.
- C) os princípios morais devem ser inferidos da natureza.
- D) os princípios morais devem basear-se na busca pelo prazer.

06. (UFF/2010)

O mundo me condena, e ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome
Mas a filosofia hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim
Não me incomoda que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo
Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva hipocrisia.



Estátua de Noel Rosa, localizada na entrada de Vila Isabel, bairro da cidade do Rio de Janeiro. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Noel_Rosa>.

Assinale a sentença do filósofo grego Epicuro cujo significado é o mais próximo da letra da canção "Filosofia", composta em 1933 por Noel Rosa, em parceria com André Filho.

- A) É verdadeiro tanto o que vemos com os olhos como aquilo que apreendemos pela intuição mental.
- B) Para sermos felizes, o essencial é o que se passa em nosso interior, pois é deste que nós somos donos.
- C) Para se explicar os fenômenos naturais, não se deve recorrer nunca à divindade, mas se deve deixá-la livre de todo encargo, em sua completa felicidade.
- D) As leis existem para os sábios, não para impedir que cometam injustiças, mas para impedir que as sofram.
- E) A natureza é a mesma para todos os seres, por isso ela não fez os seres humanos nobres ou ignóbeis, e, sim suas ações e intenções.

07. (UEL/2003)

"Lá fica a casa de Afrodite. Pois tudo que existe pode ser encontrado no Egito: riquezas, esportes, poder, clima agradável, glória, espetáculos, filósofos, joias de ouro, belos jovens, templo dos deuses irmão e irmã, excelente rei, museu, vinho, todos os prazeres que desejas, mulheres em tão grande número que [...] o céu não pode se vangloriar de um igual número de estrelas: e são as mulheres tão bonitas quanto as deusas que, no passado, pediram a Páris para julgar quem era a mais bela."

Herondas, Mimo I, A alcoviteira, v. 26-35. In: SALLES, Catherine. *Nos submundos da Antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 42.

O texto acima é um dos mimos de Herondas, comédias que retratavam com detalhes a vida urbana, e refere-se à cidade de Alexandria no Egito. Há uma clara referência à mescla cultural entre o Ocidente e o Oriente, ao mostrar a presença da cultura grega em uma cidade localizada no Egito.

O texto apresenta os elementos que caracterizaram na Grécia Antiga o período conhecido como:

- A) Homérico.
- B) Clássico.
- C) Minoico.
- D) Helenístico.

08. (UEL/2011) Leia o trecho da Carta a Meneceu.

"Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora ainda não chegou ou já passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir. Devemos então meditar sobre tudo..."

(Epicuro Carta de Epicuro a Meneceu).

Para Epicuro, como se expressa na Carta a Meneceu, o objetivo da filosofia é:

- A) A felicidade do homem.
- B) A imparcialidade diante das decisões tomadas pelos homens.
- C) A areté própria do homem.
- D) O gozo imoderado dos prazeres mundanos.
- E) Estabelecer, refutar e defender argumentos tirados da bíblia.

09. (UEM/2012)

Afirma o filósofo Epicuro (séc. III a.C.), conhecido pela defesa de uma filosofia hedonista: [...] o prazer é o começo e o fim da vida feliz. É ele que reconhecemos como bem primitivo e natural e é a partir dele que se determinam toda escolha e toda recusa e é a ele que retornamos sempre, medindo todos os bens pelo cânon do sentimento. Exatamente porque o prazer é o bem primitivo e natural, não escolhemos todo e qualquer prazer; podemos mesmo deixar de lado muitos prazeres quando é maior o incômodo que os segue.

EPICURO. *A vida Feliz*. In: Aranha. 2005, p. 228.

Considerando os conceitos de Epicuro, é correto afirmar que:

- A) todas as escolhas são prazerosas porque naturalmente os seres humanos rejeitam toda dor.
- B) comer uma refeição nutritiva e saborosa em demasia é ruim porque as consequências são danosas ao bem-estar do corpo.
- C) a beleza corporal é uma finalidade da vida humana porque o prazer de ser admirado é a maior felicidade para o ser humano.
- D) estudar todo dia não é bom porque a falta de prazer anula todo conhecimento adquirido.

10. (UEL/2003) Leia o texto a seguir:

[...] Sentia ardente paixão pela “virtude”, em comparação com a qual considerava sem importância os bens terrenos. Procurava a virtude e a liberdade moral na libertação do desejo: sê indiferente aos bens que a fortuna tem para oferecer, e estarás livre do medo. A este respeito, sua doutrina [...] foi adotada pelos estoicos, mas não o seguiram na parte referente à rejeição das amenidades da civilização. Considerava que Prometeu foi justamente castigado por trazer ao homem as artes que produziram a complicação e a artificialidade da vida moderna. Nisto, parece-se aos taoístas, a Rousseau e a Tolston, mas era mais coerente que eles.

Essa postura refere-se:

- A) ao ceticismo pirrônico, ao afirmar que a virtude é o único valor que pode realmente ser conhecido.
- B) à filosofia platônica, devido à clara separação entre verdade e ilusão.
- C) à identificação do bem e prazer proposto pelo epicurismo.
- D) à filosofia cínica que desprezava as convenções e a artificialidade da vida moderna.
- E) ao aristotelismo, pois vinculava à virtude na prática política no interior da pólis grega.

11. (JAS) Observe as afirmações sobre ceticismo e assinale a alternativa correta.

- A) O ceticismo é sempre ingênuo, pois colocar tudo em dúvida e suspender as certezas já implica uma certeza: duvidamos e, por isso, existimos.
- B) O ceticismo afirma que não podemos ter conhecimento sobre a natureza e que só uma psicologia empírica poderia explicar o conhecimento, sobretudo, a partir da noção de hábito.
- C) Toda forma de ceticismo se constitui como uma luta contra posições ideológicas e dogmáticas.
- D) O ceticismo é indubitavelmente um traço mais marcante da filosofia, por não acreditar em nenhuma forma de conhecimento segura.
- E) Toda forma de ceticismo se constitui como corrente a favor de posições ideológicas e dogmáticas.

12. (ESPM/2009-2) A respeito da civilização helenística escreveu o erudito Paul Petit: “Não se poderá negar a originalidade da civilização helenística; basta comparar a acrópole de Pérgamo à de Atenas, a história de Políbio à de Tucídides, o estoicismo ao platonismo.”

Idel Becker. *Pequena História da Civilização Ocidental*.

Quanto ao estoicismo, mencionado no texto, uma das escolas filosóficas mais importantes, em se tratando da filosofia helenística, é correto afirmar que:

- A) considerava que a felicidade do homem consistia no prazer, mas distinguia entre os falsos prazeres materiais e o verdadeiro prazer que se pode alcançar pela renúncia àqueles.
- B) julgava que as coisas do mundo físico, que se percebem pelos sentidos, nada mais são do que cópias das ideias, modelos perfeitos e eternos que só podem ser percebidos pelo espírito.
- C) considerava que o mundo material existia objetivamente e a natureza não dependia de idéia alguma, assim as formas não se situavam num mundo exterior mais elevado e acima dos fenômenos, mas existiam nas próprias coisas.
- D) propunha que o segredo da felicidade residia, não na procura sôfrega do prazer, mas no perfeito equilíbrio do espírito, que permite aceitar com a mesma serenidade a sorte ou a desgraça, a riqueza ou a pobreza, o prazer ou a dor.
- E) duvidava de tudo e negava que o homem pudesse alcançar a verdade, sendo assim o homem deveria desistir das infrutíferas cogitações sobre a verdade absoluta e deixar de preocupar-se, meditando sobre o bem e o mal. Só a renúncia a toda e qualquer certeza pode trazer a felicidade.

13. (UEL/2003)

“Ao falarmos de helenismo, estamos normalmente nos referindo à civilização desenvolvida na Antiguidade a partir da Grécia Clássica e de sua cultura. Tal período, iniciado, para alguns autores, com o Império de Alexandre Magno no século IV a.C., marcou a transição da civilização grega para a romana. Nesse sentido, o helenismo foi a expansão da cultura grega a partir do intercâmbio que o Império de Alexandre Magno promoveu entre essa cultura e a diversas civilizações orientais, como os egípcios e persas”.

SILVA, K. V. e SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo, Contexto, 2006 p.178.

De acordo com o texto, pode-se afirmar, sobre a cultura helênica, que

- A) Alexandre Magno promoveu um intercâmbio entre a cultura grega e as diversas culturas ocidentais.
- B) o helenismo tem seu início com Alexandre Magno, no século IV a.C., quando ele exterminou as culturas orientais dos lugares por onde passou.
- C) o intercâmbio promovido por Alexandre Magno aniquilou a cultura helenística.
- D) o helenismo surge da fusão da cultura helênica clássica grega com as diversas contribuições das culturas orientais, nas regiões onde ocorreram as conquistas de Alexandre Magno.
- E) o helenismo é apenas uma nova denominação da cultura clássica grega, que, sem alterações, Alexandre Magno difundiu por todo o seu império.

14. (UFPR/2008)

A FILOSOFIA COMO INVESTIGAÇÃO

Todos sabem que o cético duvida de tudo. E todos sabem que duvidar de tudo não tem sentido: as ideias céticas podem ser sedutoras, mas dizer que não sabemos nada, que não temos certeza de nada é algo exagerado, absurdo e autorrefutável. O ceticismo, usualmente, é tido como algo negativo, enquanto na filosofia, frequentemente é descrito como uma posição que deve ser desafiada, enfrentada e vencida.

Essa atitude negativa que se atribui ao filósofo cético, porém, não é mais que um aspecto incidental e parcial do ceticismo. Na verdade, tal dúvida universal é inventada por filósofos modernos. Por isso, muitos autores que lidam com a questão cética são responsáveis pela difusão de uma imagem do ceticismo que não faz plena justiça à tradição intelectual que lhe deu origem. Oswaldo Porchat, um dos mais importantes filósofos brasileiros, já disse que a filosofia moderna e contemporânea costuma recorrer a “caricatas figurações” da filosofia cética: “cada filósofo fabrica seu inimigo cético particular e atribui-lhe esdrúxulas doutrinas *ad hoc* forjadas de modo que melhor sejam refutadas”.

Quando nos defrontamos diretamente com os escritos e as ideias dos céticos, em especial dos céticos gregos antigos que sobreviveram ao tempo, encontramos uma imagem surpreendentemente rica e interessante do ceticismo, bem como uma maneira peculiar de questionar as doutrinas filosóficas. Há, assim, uma diferença crucial entre o cético moderno e o cético antigo. O primeiro lança uma dúvida radical sobre todos os domínios do conhecimento. Lembremo-nos, por exemplo, dos cenários onde são traçados os argumentos do sonho e do gênio maligno nas *Meditações* de Descartes: tenho o pensamento de que estou aqui, neste momento, sentado nesta cadeira, segurando uma folha de papel, mas posso estar sonhando ou sendo enganado por um deus poderoso. Por essa razão, uma questão central da epistemologia moderna é a seguinte: já que um pensamento que eu tomo como verdadeiro pode ser falso ou ilusório, o que deve ocorrer a um pensamento para lhe conferir a qualidade de conhecimento? O cético antigo, por sua vez, não supõe que todas as nossas crenças são ou podem ser simultaneamente falsas. A postura dubitativa do cético é ainda mais radical, pois a sua questão cética central não seria “é possível conhecer?” ou “como conhecemos?”, mas a pergunta mais fundamental: “temos alguma razão para acreditar?” [...]

SILVA FILHO, Waldomiro José da. Cult n. 116, ago. 2007.)

Segundo o texto, qual é a principal diferença entre o ceticismo antigo e o moderno?

- A) Enquanto o ceticismo moderno é otimista, o antigo é pessimista.
- B) O ceticismo antigo tinha uma visão caricaturada do mundo, que foi modificada no moderno.
- C) O ceticismo antigo aplica-se a todos os domínios do conhecimento; o moderno é mais restrito.
- D) O ceticismo moderno questiona as condições do conhecimento; o antigo, se há por que crer.
- E) O ceticismo moderno é mais rico e interessante que o antigo.

15. (JAS) O *Carpe Diem*, o ócio, o cultivo da alma, são características dessa escola que se preocupa com a vida humana bem vivida, longe das perturbações da política e das atitudes viciosas, proclamando uma “retirada” do exterior para dentro de si:

- A) Epicurismo
- B) Pirronismo
- C) Orfismo
- D) Estoicismo
- E) Cinismo

Resoluções

01. Pirro foi fundador da escola cética, ele distingue o que é o bem por natureza e o que é o bem pelas convenções humanas e chega à conclusão de que não existem coisas verdadeiras ou coisas falsas, não existe também na natureza conceitos como a feiura e a beleza ou a bondade e a maldade, esses conceitos todos são criações dos homens e ele os nega por serem somente uma convenção, um costume. Por isso não podemos fazer juízos sobre as coisas. Além do mais é impossível afirmar se algo é realmente falso ou verdadeiro, se uma atitude é justa ou injusta. Todos esses conceitos vão depender do que está convencionalizada nas relações sociais e não da natureza, e essa não faz convenções.

Em síntese é desde esses tempos que o ceticismo defende essa ideia da impossibilidade de conhecer a verdade, rejeitando piamente qualquer tipo de dogma, já que o dogma em si é a afirmação considerada verdadeira sem que seja necessário nenhuma comprovação.

Os céticos acreditam que todo conhecimento depende da realidade do ser que está envolvido nela, e também das condições que estas coisas estão acontecendo, assim, através da análise desse conjunto de fatos, podemos então confirmar que todo conhecimento é relativo. Os céticos são neutros em todas as questões e julgamentos, defendendo a indiferença, afirmando que não existe lado bom nem mau.

Resposta: C

02. Epicuro acreditava que a filosofia é o melhor caminho para se chegar à felicidade que para ele significava se libertar dos desejos.

A filosofia é um instrumento para alcançar a felicidade pois através dela o homem vai libertar-se do desejo que o incomoda. A filosofia com Epicuro passa a ter uma finalidade prática e não somente o objetivo de investigação dos fundamentos últimos do mundo e do homem. Em sua ética Epicuro aponta a felicidade como sendo diretamente ligada ao prazer. O prazer é o início e o fim de uma vida feliz. O homem é inclinado a buscar o prazer e a fugir da dor e através do critério do prazer é que nós avaliamos todas as outras coisas.

Existem para ele duas formas de prazer, o primeiro é o prazer estável que é a ausência da dor e da perturbação, o que ele chama de ataraxia e aponia, nessa forma de prazer o homem não sofre e mantém-se em paz podendo atingir a felicidade. Na segunda forma de prazer, que é a da alegria e a do gozo, o homem pode tornar-se escravo do prazer e levar uma vida perturbada, o que não é condizente com a felicidade.

Resposta: A

03. Ação denominada de helenismo, o intercâmbio entre os diferentes povos do Império, foi uma das grandes contribuições da expansão imperial conseguida por Alexandre, o Grande.

Resposta: D

04. Uma questão de natureza conceitual-histórica. Bastava o aluno identificar os traços da cultura helenística com influência greco-oriental.

Resposta: E